

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SIGNIFICATIVAS DE PORTUGAL, SUÍÇA E BRASIL

PANIAGO¹, Rosenilde Nogueira

¹Doutoranda Ciências da Educação/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano
e-mail: rosenilde_nogueira@yahoo.com.br/rosenilde.paniago@ifgoiano.edu.br

Resumo: No presente texto apresenta-se uma reflexão sobre a necessidade de práticas de ensino inovadoras face aos inúmeros avanços da atualidade. Para tanto, a tessitura do artigo é ancorada nas narrativas de situações vivenciadas pela pesquisadora em museus que já foram escolas com experiências significativas de grandes pensadores como Pestalozzi e Rousseau na Suíça e de escolas com prática inovadora, nomeadamente a Escola da Ponte em Portugal, Escola Eurípedes Barsanulfo em Sacramento, MG e Escola da Vila em Fortaleza, CE.

Palavras-chave: Prática de ensino significativa. Ensino e aprendizagem. Narrativas.

Introdução

Urge atualmente a necessidade de propostas pedagógicas inovadoras face ao dinâmico, e complexo contexto histórico, sociocultural, ambiental e econômico, marcado por inúmeros avanços, que atingem diretamente as práticas de ensino nas escolas. Os alunos não são mais os mesmos, são mais exigentes, as relações são mais heterogêneas, por conseguinte, o processo de ensino e aprendizagem exige novas práticas de ensino, conforme já dizia Paulo Freire (2006) ao criticar a educação bancária, que considera o aluno como um depósito de informações, desconectada, obsoleta e defender uma educação em uma perspectiva holística, consubstanciada no respeito, na confiança, diálogo, na postura amorosa e política, matrizes fundamentais no ato educativo. Ou como afirma Moraes (2008, p.30), “[...] A complexidade do mundo atual requer, com urgência, uma reforma do pensamento mais sintonizada com estas novas realidades e suas perspectivas demandas”. Estamos, pois, diante de um novo cenário que implica em novas formas de ensinar, de aprender, de lidar com a vida, que me incita a defender uma pedagogia consubstanciada no amor e no afeto, na direção reflexiva das emoções, da lógica racional, de forma a incentivar os educandos a buscarem novas formas de aprender, a desenvolverem a autonomia e o gosto pelo saber.

Ora, sendo a docência uma profissão que lida com pessoas, é importante que os professores considerem os aspectos afetivos, socioculturais no ato de ensinar e aprender. Temos que ter em conta que os educandos são seres humanos e não máquinas que podem ser operacionalizados de forma técnica e mecânica como receptáculos a serem depositadas as informações como se não houvesse sentimentos, afetividade. Não obstante, além das questões humanas que a docência requer, advogo a necessidade de os professores materializarem no cotidiano escolar uma prática reflexiva e investigativa que enseje a mobilização dos saberes

necessários ao exercício da docência profissional de modo a acompanhar as constantes e velozes mudanças. Em face da atual complexa tarefa que os professores enfrentam é fundamental a mobilização de saberes não apenas restritos ao conhecimento de conteúdos específicos de sua área de formação, mas como indica Lee Shulman (1986) ao explicitar o: conhecimento do conteúdo ou disciplinar (subject knowledge matter), conhecimento pedagógico de conteúdo (pedagogical content matter) e conhecimento curricular (curricular knowledge); e como incita Donald Schön (1987) e Alarcão (2011) ao apontarem a valorização da prática como fonte de reflexão pelos professores, reflexão essa que gesta a produção de saber, traduzida pela ação, reflexão na ação e teorização da ação, ou seja, a epistemologia da prática, visão que comungo e anoro as minhas reflexões.

Acrescento e reafirmo ainda a inserção dos valores afetivos no processo de ensino e aprendizagem de forma a reconhecerem e valorizarem as diversidade em sala de aula e as diferentes formas com que os educandos aprendem. Ademais realço que entendo a educação como uma ação integral que avance de enfoques burocráticos, técnicos, trabalho alienado de conteúdos para um ensino que focalize a formação crítica, política, amorosa e afetiva dos educandos. É preciso aprender conceitos e operacionalizá-los de forma prática, entretanto, também é preciso aprender a ser e a conviver, a exercer um posicionamento crítico e político em face da sociedade complexa marcada por avanços da ciência e tecnologia e desigualdades sociais.

A presente reflexão foi conduzida pela seguinte questão: quais práticas de ensino enseja a dinâmica e complexa sociedade contemporânea? É possível a existência de práticas inovadoras mais congruentes com as novas exigências da atualidade? Para tanto, uma busca na literatura me indicou que os pressupostos de uma prática diferenciada já foram apontados por Rousseau e Pestalozzi no século XVIII ao defenderem uma pedagogia sustentada na relação com o outro e a natureza no ato educativo, e que existem várias escolas com práticas significativas ancoradas nos princípios que advogo. Como forma de saciar a sede, o desejo de conhecer estas práticas e com vistas a um entendimento mais aprofundado, visitei¹ na Suíça, o palácio de Yverdon onde localizava-se a escola de Pestalozzi, as obras de Rousseau em Genebra na Suíça e Paris França, a Escola da Ponte em Portugal e a Escola da Vila/CE e Escola Eurípedes Barsanurf em Sacramento/MG. Na confecção deste texto, utilizo das minhas narrativas como estratégia de coleta de dados, na medida em que, conforme Abrahão (2013) a narrativa como estratégia de pesquisa, inclui as biografias, histórias de vida,

¹ Estas visitas foram possíveis por já estar na Europa, nomeadamente em Portugal cursando do doutorado. Entretanto, realço que esta produção não se vincula à pesquisa do doutorado.

autobiografias, relatos orais, narrativas pessoais, entrevistas, etno-biografias, etnografias dentre outros. Abrahão (2013, p.63) aponta também que a fotografia, o filme e o material videogravado “também se configuram como narrativas; da mesma forma como as narrativas orais ou escritas, a narrativa imagética é construída intersubjetivamente”. Dessa forma a tessitura das minhas narrativas são acrescidas das fotos tiradas nos lugares por onde caminhei, e revelam evidentemente a forma como observei cada espaço.

Rousseau: suas idéias e casa em Genebra

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) nasce em Genebra Suíça e passa a maior parte de sua vida na França. Este autor traz imensos contributos à educação e a política, com produção de obras cuja essência ainda se fazem presentes na atualidade. Entre elas, cito: *Sobre a desigualdade entre os homens*, o *Contrato Social* e *Emílio* (grifo meu) suporte essencial as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade que desencadearam a revolução francesa em 1789, embora não como defendia o autor. Rousseau defendia uma educação vinculada à política, e inaugura uma nova pedagogia, com métodos de ensino que focalizam as crianças, sua espontaneidade e a relação com a natureza como condições essenciais na sua aprendizagem. Em *Emílio*, Rousseau narra um personagem que é educado em contato com a natureza e seu preceptor (o próprio Rousseau) e na ausência da família, escola e a religião. Rousseau insiste na importância de os educadores conhecerem a forma como as crianças aprendem, pois o seu desenvolvimento mental ocorre por meio de leis naturais, sendo fundamental que a educação aconteça de acordo com esse mecanismo natural, de forma progressiva, respeitando cada fase de desenvolvimento natural de forma harmoniosa. As ideias de Rousseau ainda estão vivas, pois, a defesa de o ensino centrar-se na criança, de respeitar a sua própria forma de aprender e a importância da concretude das práticas de ensino, das experiências empíricas, do contato observador e sensível acerca dos fenômenos naturais é uma pedagogia ainda defendida na atualidade.

Ao visitar a sua antiga casa em Genebra, localizada na Grande Rue, n.40 no centro de Genebra, Suíça, que atualmente é um museu interativo, pude entender melhor as suas ideias e senti-las de forma viva. Para tanto, consegui me hospedar na mesma rua, o que facilitou o contato e investigação no museu do ilustre pensador, conforme fotos abaixo.



Foto 1 – fonte: a pesquisadora



Foto 2 – fonte: a pesquisadora



Foto 3 – fonte: a pesquisadora

Na ávida leitura de Émile III, Rousseau (2004, p.215) percebi o sentido atribuído pelo pensador à prática docente:

Torne seu aluno atento aos fenômenos da natureza, logo ele se tornará curioso; mas para alimentar sua curiosidade nunca se apresse em satisfazê-la. Situe as questões ao seu alcance e deixe que ele resolva. Que ele não saiba nada porque o professor lhe disse, mas porque compreendeu por si mesmo, que ele não aprenda a ciência; que ele a invente.

O autor aponta a necessidade de tornar o aluno atento aos fenômenos da natureza, para que sua curiosidade seja despertada. Para tanto, os professores não devem se apressar em satisfazê-la, e sim ensinar e resolução de situações problemas pelos alunos, “O problema não é ensinar-lhe as ciências, mas dar-lhe o prazer de amá-las e os métodos para aprendê-las, quando esse gosto estiver já bem mais desenvolvido” (ibid, p.215). É este o princípio fundamental de toda boa educação para Rousseau. Já no seu tempo o autor tecia críticas à sociedade humana, o progresso pelo progresso, e destaca a pureza do coração, as boas práticas de convivência, a natureza, a curiosidade, a inquietação para o desenvolvimento humano.

Pestalozzi e o prazer da visita a sua antiga escola

As idéias de Rousseau tiveram muita influência sobre educadores da época, como Pestalozzi, Herbat e Froebel. Pestalozzi (1746-1827), sem dúvida, é outro pensador que desenvolve uma pedagogia avançada em relação a sua época. De uma espiritualidade sensível, Pestalozzi defendia a educação para as classes menos favorecidas e atuava ele mesmo como educador, criando inclusive, um instituto para crianças abandonadas, órfãs e excluídas da sociedade vigente. Afirmava a importância de a criança desenvolver a sua autonomia por meio do contato com a natureza, por meio da observação, da indagação. Sobre a visita ao castelo de Yverdon, assim registro no meu diário de campo:

A viagem de trem até Yverdon-les-ains, pequena cidade da Suíça, onde se localizava a escola de Pestalozzi foi de uma beleza impossível de se traduzir. Visualizei uma linda paisagem, com Alpes brancos pela neve por todos os lados. No castelo de Yverdon, vivenciei uma sensação simplesmente mágica. Fiquei por toda a tarde na sala de Pestalozzi, lendo seus escritos, fotografando e voltando no tempo na tentativa de absorver as suas brilhantes ideias e sentido de vida; até que uma das funcionárias me chamassem em face de já estar no horário de fechar o castelo e eu me lembrar que precisava pegar o comboio/trem de volta para Genebra.





O grande pensador, no Castelo de Yverdon, no Lago Neuchâtel, trabalhou por mais de 20 anos na famosa escola de Pestalozzi, realçando o aprender fazendo, o experimentar, o ser e sentir. Enquanto Rousseau provoca uma revolução na pedagogia incitando a olhar o outro, Pestalozzi a prática e demonstra que os educandos possuem emoções e sentimentos. Assim, o ideário desses pensadores ainda é muito pertinente na atualidade, entretanto, muitas práticas idealizadas por eles ainda não se materializaram na maioria das instituições escolares, salvo evidentemente exceções, dentre as quais, apresento algumas.

A escola da Ponte em Portugal

Com um olhar consubstanciado nos princípios de educação, escola e ensino acima descritos e instigada pelo desejo de conhecer a famosa “Escola da Ponte”, reflexo das várias histórias já conhecidas, parti a caminho da escola, junto com um grupo de estudantes da Universidade do Minho, liderados pela professora Teresa Sarmiento e duas colegas do IF Goiano.

A Escola da Ponte, da rede pública portuguesa localizada a 30 km da cidade do Porto, Desde 1976, oferece a educação pré-escolar e básica a 180 alunos, de 5 a 17 anos, sendo uma parcela com problemas sociais e de aprendizagem. Desenvolve uma pedagogia diferenciada das outras escolas, com ausência das tradicionais salas de aulas, com um currículo subjetivo, em que os alunos apontam o que querem estudar e se agrupam de acordo com interesses comuns para desenvolver projetos e atividades sob a orientação de professores por dimensões educativas (artística, identitária, linguística, lógico-matemática e naturalista). Evidentemente, há uma preocupação com a base nacional, tendo em vista, que os alunos participam de exames nacionais, entretanto, a base são os interesses dos alunos, suas experiências e conhecimentos que as aprofundarão.

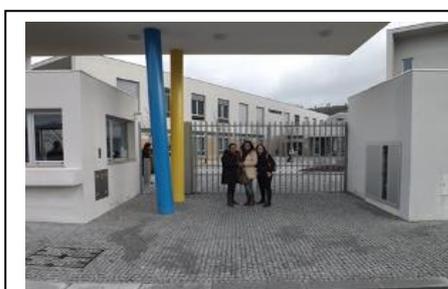


Foto 9. A foto 9 mostra as três professoras do IF Goiano.

Fonte: arquivo da pesquisadora, em 14 de janeiro de 2014.

Na escola, fomos recebidos por dois, que apresentou-nos toda a escola, currículo, atividades realizadas, forma de avaliação. Entrávamos nas salas de aula, e os alunos continuavam a estudar, como se nada estivesse acontecendo. A autonomia e responsabilidade ficam sinalizadas pela forma como apresentaram a escola, pela facilidade de expor as práticas vivenciadas. Segundo Rui Canário (2004, p.26) “O modo como os alunos mostram a *sua escola* aos visitantes é um indicador relevante da sua implicação e responsabilização na vida colectiva, igualmente observável nas reuniões de debate, nas assembleias de escola e nos múltiplos *grupos de responsabilidade* em que se organizam”. Muito nos impressionou a ideia de compartilharem o mesmo espaço, conforme mostra as fotos abaixo e, se portarem de forma concentrada, em que apenas, ouvia-se, cochichos e o som de uma música suave.



Rubem Alves evidencia seu encanto com a Escola da Ponte, uma escola que há mais de 30 anos, desenvolve uma pedagogia alicerçada no desenvolvimento da autonomia dos alunos e rompe com o sistema seriado, provas e salas de aulas.

Escolas com práticas significativas no Brasil

Ora, também não posso deixar de destacar, muitas experiências inovadoras que estão acontecendo em escolas da Educação Básica no Brasil, com propostas pedagógicas diferenciadas, como é o caso, das Escolas Municipais de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, Presidente Campos Sales de São Paulo, Escola da Vila no Ceará, Projeto Âncora, no município de Cotia, São Paulo, Escola Eurípedes Barsanulfo em Sacramento Minas Gerais. Dado a pequena extensão do texto, falarei apenas na Escola da Vila e de Eurípedes.

A **Escola da Vila em Fortaleza**, Ceará desde 1981 vem trabalhando um sistema de ensino da Educação Infantil ao Ensino Fundamental com a finalidade do desenvolvimento integral do aluno, formação integrada do corpo e mente, teoria e prática, valorizando os sentimentos e emoções dos alunos. Para Moraes (2008), esta escola “Além de pretender enfatizar as relações vividas em uma comunidade, ela também traz consigo a ideia de aconchego, de amorosidade, de simplicidade no viver, revelando olhares amigos, pessoas [...]”. Para a autora, a Escola da Vila busca uma educação transdisciplinar traduzida pela

forma como se preocupa com educação de natureza cognitiva, quanto a formação dos alunos em seu pensar, agir, espiritualidade, senso crítico, criatividade, interação, tendo como pilares: o conviver com o outro, conviver consigo mesmo e conviver com a natureza, os princípios que defendo nesse texto. A escola da Vila possui uma proposta pedagógica que inclui além dos conteúdos básicos indicados nas orientações curriculares, o trabalho com a música, teatro, artesanato, artes plásticas, trabalho com as emoções, os sentimentos, o pensar, para que as atitudes não sejam somente com a razão, mas também com o coração.



As práticas da escola incluem também outras vivências, como o trabalho na farmácia viva, na fauna, pomar, jardim, dentre outros. Tal como a Escola da Ponte, os alunos trabalham e grupo, conforme foto do lado.

A Escola Eurípedes Barsanulfo em Sacramento Minas Gerais, criada em 1909 por Eurípedes Barsanulfo, tem uma pedagogia baseada na afetividade e da relação com a natureza. Pacheco (2009)² idealizador da Escola da Ponte diz que “ Há 102 anos, em 1907, o Brasil teve aquilo que eu considero o projeto educacional mais avançado do século 20. Se eu perguntar a cem educadores brasileiros, 99 não conhecem. Era em Sacramento, Minas Gerais, mas agora já não existe. Este foi, para mim, o projeto mais arrojado do século 20, no mundo”.

De fato a Escola Eurípedes Barsanulfo não foi uma experiência significativa, pois ainda o é, na medida em que, tem uma experiência inovadora com uma pedagogia diferenciada da maioria das escolas brasileiras. De primeira vista, o prédio da escola é encantador, com uma beleza traduzida pelos pequenos detalhes dos espaços verdes (jardim, parque, horta) e com uma proposta pedagógica que lança mão de alternativas didáticas vinculadas à natureza e as relações fraternas e amorosas são incentivadas e exercitadas no cotidiano da escola. Apesar de trabalharem os conteúdos básicos exigidos nos documentos oficiais do Brasil, a escola segue uma articulação própria de trabalho, de modo a inserir outras temáticas que favoreçam o desenvolvimento das questões de natureza afetiva, ética, criativa e cognitiva das crianças, primando pela pedagogia sustentada nas relações amorosas e com ligação direta com a natureza.

À guisa de conclusão eu diria que as experiências aqui descritas têm por finalidade

² PACHECO, José. Escola da Ponte. Entrevista José Pacheco. "Trabalho há mais de 30 anos com escola que não tem aula, série e prova, e dá certo", diz educador português. <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/06/30/ult105u8320.jhtm>. 30/06/2009. Acesso em 20 de janeiro de 2013.

“[...] aprender a educar para a escuta do sentimento e abertura do coração. Ensinar nossos alunos a serem mais felizes, apesar de suas dificuldades, muitas vezes, imensas. Educar no caminho do amor, da inteireza, da fraternidade e da sabedoria. Educar no encanto do ver, do ouvir, do aprender, a refletir para poder agir conscientemente, descobrindo o que existe em cada olhar que abarca o seu entorno” (MORAES, 2008, p.259)

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza et al. (Orgs.). **Pesquisa auto(biográfica): fontes e questões**. Curitiba, PR: CRV, 2014.
- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, Rubem. **A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir**. Ed. Papirus. 120 p. 2002.
- CANÁRIO Rui; MATOS Filomena; RUI Trindade (orgs.). **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Porto: Porto editora, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 34 ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.
- MORAES, M^a. C. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação**. São Paulo: Antakarana/WHH, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SHULMAN, Lee. Those who understand: Knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, Washington, v.15, n. 2, p. 4-14, fev. 1986.